Submissão: 12/07/2023
Aprovação: 02/02/2024
Publicação: 15/05/2024

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 37 No. 2 Maio - Agosto 2024

ARTIGO

UM CACHIMBO DO QUINTAL: FIGURAÇÕES, ESPAÇOS E SUJEITOS EM UMA UNIDADE DOMÉSTICA OURO-PRETANA, MINAS GERAIS

Leonardo Klink*

RESUMO

Com esta proposta, pretendo revisitar as figurações disseminadas pelos cachimbos presentes na coleção do Museu da Inconfidência de Ouro Preto/MG, tidas na arqueologia como "barrocas". Esta ampliação de amostras será relacionada aos elementos presentes no fragmento de um cachimbo de argila clara, encontrado no quintal de uma unidade doméstica setecentista ouro-pretana. Ao explorar a suposta manifestação do universo barroco-rococó nos fornilhos selecionados para esse exercício, busquei somar à análise a investigação dos referenciais dos agentes que podem ter portado e utilizado o vestígio ainda como cachimbo, como sua relação de descarte com os espaços ao fundo do sobrado geminado de onde foi escavado.

Palavras-chave: cachimbos de barro; Ouro Preto/MG; unidade doméstica.

* Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGAn-UFMG). E-mail: leonardoklink@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7932-5446.

DOI: https://doi.org/10.24885/sab.v37i2.1146

ARTICLE

A PIPE FROM THE BACKYARD: FIGURATIONS, SPACES, AND SUBJECTS IN A HOUSEHOLD LOCATED IN OURO PRETO, MINAS GERAIS

ABSTRACT

With this proposal, I intend to revisit the elements disseminated by the pipes in the collection of the Museu da Inconfidência in Ouro Preto, Minas Gerais, considered in archaeology as "baroque." This broadening of samples will be related to the elements of a clay pipe fragment, found in the backyard of an 18th century household unit in Ouro Preto. By exploring the supposed manifestation of the baroque-rococo universe in the artifacts selected for this exercise, I sought to add to the analysis the investigation of the references of the agents who may have carried and used the artifact still as a pipe, such as their discarding relations with the spaces at the back of the two-storied house where it was excavated.

Keywords: clay pipes; Ouro Preto/MG; household.

ARTÍCULO

UNA PIPA DEL PATIO: FIGURACIONES, ESPACIOS Y SUJETOS EN UNA UNIDAD DOMÉSTICA DE OURO PRETO, MINAS GERAIS

RESUMEN

En esta propuesta, pretendo revisitar las figuraciones difundidas por las pipas presentes en la colección del Museo de la Inconfidência de Ouro Preto, Minas Gerais (Brasil), consideradas como "barrocas" por la arqueología, para relacionarlas con los elementos presentes en el fragmento de una pipa de arcilla, que había sido encontrada en el patio de una unidad doméstica de Ouro Preto del siglo XVIII. Al explorar la supuesta manifestación del universo barroco-rococó en las pipas seleccionadas para este ejercicio, traté de incluir en el análisis el estudio de las referencias de los agentes que pudieron portar y utilizar la pipa, como su relación de disposición con los espacios en la parte trasera de la casa donde fue excavado el material.

Palabras clave: pipas de arcilla; Ouro Preto/MG; unidad doméstica.

INTRODUÇÃO

Fragmentos de cachimbos estão entre os artefatos mais representativos dos sítios arqueológicos históricos, embora tendem a aparecer em baixas quantidades nas escavações. Podem ter sido manufaturados em diversos formatos, conter acabamentos diferenciados e assumir diversas cores a partir do aspecto de diferentes matérias-primas e dos processos de suas queimas. Suas hastes podem ser longas ou curtas, integradas ao fornilho ou à parte deles. Podem apresentar elementos geométricos, antropomorfos e fitomorfos como baixos ou altos-relevos, além de siglas/marcas de fabricantes ou ainda outras marcações derivadas de regionalismos. Fatores que variam de peça para peça conforme o público-alvo a quem seriam destinados ou adquiridos séculos atrás.

Ao me interessar neste artigo pelas escolhas e acessos da população de Vila Rica aos cachimbos categorizados de maneira êmica como de "barro" entre os séculos XVIII e XIX, pretendo exercitar o potencial informativo e interpretativo partindo do fragmento de um fornilho de cachimbo em argila clara, oriundo do quintal de uma unidade doméstica situada na Rua Direita (atual Rua Conde de Bobadela) de Ouro Preto/MG, durante uma série de intervenções que a propriedade recebeu desde meados da década passada. Este sítio vem sendo explorado por mim enquanto projeto de pesquisa do doutorado e obteve a atenção da mídia há alguns anos por conter uma singularidade em relação a outras unidades domésticas deste período, circunstância que se relaciona à presença de raros vestígios gráficos em um mural em argamassa no subsolo que podem ou não ser atribuídos à agência africana ou afro-brasileira.

Em uma das reportagens e entrevistas sobre esse imóvel e seus grafismos, um dos proprietários deduziu e relatou brevemente que a agência africana estaria envolvida na confecção dos desenhos e das "cenas africanas" justamente por ter sido encontrado no local um cachimbo que seria típico de negros africanos (Werneck, 2019). Portanto, ao considerar os contextos entre o próprio ambiente do subsolo e a arquitetura setecentista, não me aterei às propriedades do tabaco e seus usuários e às diversidades dos fumos existentes outrora, visto que minha delimitação visa explorar somente o quanto um pequeno objeto cerâmico, cruzado e combinado também ao aporte documental e à materialidade do painel e suas gravuras, pode informar sobre os hábitos e os acessos a recursos por parte de alguns dos indivíduos que fizeram deste sobrado entre os séculos XVIII e XIX, local de morada, de socialização e de criatividade.

Para isto, me atenho principalmente em acrescentar às investigações a coleção de fragmentos de cachimbos do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, e seus respectivos metadados informativos, a fim de identificar neste entre os acervos locais e digitais mais acessíveis, categorias morfológicas e padrões figurativos *eticamente* categorizados como "barrocos", semelhantes aos detectados no fragmento do sítio que focalizarei, estabelecendo comparações e estimulando diálogos com pesquisadores que se depararam com vestígios semelhantes em contextos análogos. Tal destaque e integração deste acervo local ao artigo visou também amparar um futuro mapeamento da dispersão dos padrões "barrocos", seja por pesquisadores interessados principalmente na temática a níveis nacionais ou regionais.

Além do mais, se o barroco mineiro adentrou não somente as esferas domésticas por meio de diversos suportes, qual seria a relevância de sua presença em suportes frágeis e de valores mais baixos do que os mesmos objetos produzidos em materiais mais bem avaliados? Aliás, seria possível correlacionar a posse e uso deste objeto a algum dos proprietários ou pessoas escravizadas que não somente habitaram a residência, mas que se apropriaram do subsolo, de suas paredes e dos fundos da residência para a reprodução de práticas de lazer em meio às árduas rotinas e tarefas?

CACHIMBOS EM BARRO, CACHIMBOS DE ESCRAVOS?

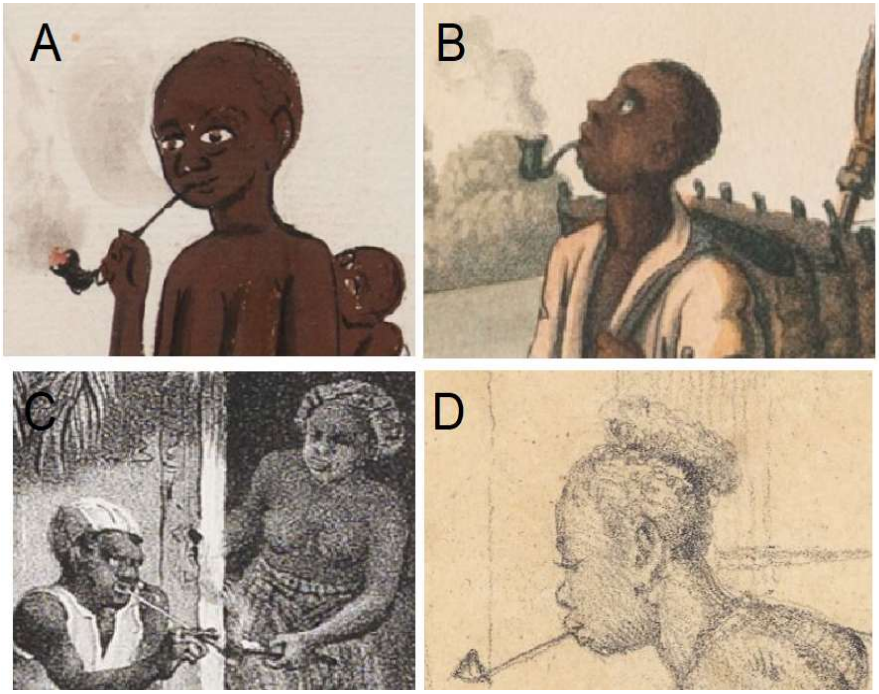
Em algumas conversas nas ruas e becos com alguns dos moradores da cidade de Ouro Preto, foi relatado que além de fragmentos de louças, os cachimbos estão entre os objetos mais encontrados durante reformas e restaurações das casas, surgindo nos quintais quando as ferramentas de roçar os desaterram. Segundo esses proprietários de imóveis, encontrar "cachimbos de escravos" é algo comum.

Enquanto alguns desses objetos podem ser vistos expostos compondo acervos de museus locais, outros sequer veem a luz do sol novamente, ficando trancafiados nas gavetas com outras quinquilharias ou exibidos em prateleiras em meio às coleções particulares, após serem adquiridos em lojas de antiquários de Ouro Preto por algumas notas de três dígitos.

Esses cachimbos têm em comum principalmente a falta de conhecimento acerca de suas procedências. Eles são geralmente retirados de seus irrecuperáveis contextos sem o menor cuidado, situação à qual o sítio da Rua Direita se diferencia — ao menos em partes —, pois a procedência do artefato é conhecida, mas suas relações estratigráficas e cronológicas com o solo do quintal onde esteve depositado por séculos perderam-se após uma reforma no imóvel.

Como mencionado anteriormente, a disseminação de informações provenientes do imaginário popular e do senso comum leva essas peças muitas vezes a serem comercializadas e/ou classificadas como "cachimbos de escravos". Segundo a arqueóloga Camilla Agostini, alguns dos motivos que corroboram essa atribuição direta e precoce se baseiam na literatura, nas descrições e nas interpretações dos olhares de europeus aos cotidianos no Brasil escravista materializados sugestivamente nas aquarelas, além dos pré-conceitos às influências míticas, fantásticas, alegóricas e sagradas, como os casos do Saci e do Preto Velho (Agostini, 2018, p. 11-12).

Figura 1. Pormenores de gravuras, negros fumando.



Fonte: Brasiliana Iconográfica.

A: "Escravos nas Ruas do Rio de Janeiro", *c*. 1814, Joaquim Cândido. B: "Largo da Glória", *c*. 1822, Henry Chamberlain. C: "Habitation de négres", *c*. 1835, Rugendas. D: "Slave Labour", *c*. 1825, Charles Landseer.[1]

[1] No intuito de preservar os termos e as expressões retiradas das documentações produzidas ao longo dos séculos XVIII e XIX consultadas, optei por reproduzi-las mantendo suas grafias, destacando-as com aspas e itálico no decorrer do corpo do texto.

O contexto arqueológico desses vestígios e alguns dos tipos específicos de elementos figurativos possibilitaram aos arqueólogos desenvolver hipóteses acerca de suas confecções e seus usos, relacionando-os em alguns casos a grupos étnicos africanos e afro-brasileiros, suspeita levantada no Brasil primeiramente por Tânia Andrade Lima, Mariana Cristina O. Bruno e Marta P. R. Fonseca (1993, p. 187-189). Ao que indicam alguns autores, algumas marcas incisas estariam relacionadas com as escarificações "tribais" de origens africanas que, além de motivos decorativos, vinculavam-se a um modelo sutil e silencioso de estratégias de resistências cotidianas e manifestações de referenciais étnicos e identitários a partir de recursos criativos inseridos em novos suportes (Agostini, 1998; Almeida, 2022; Lima; Bruno; Fonseca, 1993; Manfrini, 2021; Souza; Agostini, 2012).

Além de escarificações, Souza e Agostini descreveram outras duas variedades de marcas corporais oriundas do território africano: as tatuagens e as queloides (Souza; Agostini, 2012). Estas podem ser encontradas distribuídas tanto em hastes, em fornilhos, em cotovelos de cachimbos quanto em recipientes cerâmicos, em máscaras e em esculturas. Já a variabilidade nos padrões e estilizações podem ser compostas de linhas unitárias ou enquanto conjuntos delas paralelas, horizontais, perpendiculares, em zigue-zague, em frisos, em pontilhados, como cruciformes entre outras variedades incisas, excisas, modeladas, moldadas e escavadas.

Além dos registros iconográficos produzidos entre os séculos XVIII e XIX, a posse de cachimbos por escravizados pôde ser detectada em alguns jornais tipografados em Ouro Preto na segunda metade do século XIX, veículos também trabalhados por Hissa (2020, 2022) em outras localidades e regiões. Nestes anúncios de buscas e recompensas, informações e descrições pejorativas e minuciosas detalhavam alguns dos traços de personalidade, as habilidades manuais, os trejeitos, as estaturas, os atributos físicos marcantes e os hábitos daqueles negros que contestavam suas situações pela fuga, sendo a frase "*uza fumar em cachimbo*" comum a estes anúncios (O Liberal de Minas, 1868, p. 3; Orgão do Partido Conservador, 1884, p. 4). O motivo destas descrições era facilitar o reconhecimento e, então, devolver uma "mercadoria humana" a aquele que era seu proprietário por direito, legalmente (Figura 2).

Figura 2. Anúncios de recompensas em jornais mineiros.



Escravo fugido.

DE JACOB FURTADO DE MENDONÇA em sua fazenda de S. João do Monte Alegre em Itabapuanna, fugio desde 4 de fevereiro de 1867, o seu escravo—Bernardino—pardo, idade 38 annos, cheio de corpo, cabeça e cara grande, bastante barba, nariz grande, e boca regular, olhos pequenos e tem o sestro de os virar como vêsgo quando está conversando, bons dentes, e um da frente de cima lascado, tem na phalange do dedo do meio da mão direita uma tortura occasionada de moer no engenho, e na esquerda teve um panaricio no dedo indice, que cahio a ponta, ficando rombudo; é tropeiro e andou muito na provincia de Minas, ferra e atalha, é serrador, tira formigas, e é bom serviço de roça e derribador; uza fumar em cachimbo; quem o prender ou der noticia certa a seu senhor ou nesta typographia, ou ao capitão Lages, no Porto de Santo Antonio, será bem gratificado.

Ano 1884\Edição 00193 (1)

ATENÇÃO

100$000

O abaixo assignado, residente na freguezia de Santa Quiteria, gratifica á aquelle que apprehender o seu escravo de nome Reginaldo, com a quantia acima. Tem os signaes seguintes: côr preta, pouca barba, bons dentes, cava talhada, nariz regular, é quasi calvo, estatura regular, é fino da cintura para baixo, tem as pernas tortas, principalmente a esquerda, cuja tortura é saliente, pés regulares, é um pouco prosa, a falla é em meia voz e algum tanto macia, dado a bebedice e uza fumar em cachimbo. Este escravo é natural do Sincural e é de se suppôr que procure aquelles lados. Correrão por conta do abaixo assignado as despezas feitas na apprehensão do dito escravo, e bem assim qualquer gratificação a vontade, além da quantia suppra offerecida.

(8 — 1) *José Antonio Diniz.*

Santa Quiteria, 3 de Fevereiro de 1884.

Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

À esquerda: O Liberal de Minas, 1868, p. 3. À direita: Orgão do Partido Conservador, 1884, p. 4.

O memorialista campanhense Francisco de Paula Ferreira de Rezende registrou em suas memórias alguns dos costumes das sociedades de Minas Gerais, da Corte Fluminense e de São Paulo entre as décadas de 1830-1880. Pelo que pôde observar no decorrer de suas vivências, o cachimbo foi considerado como o verdadeiro *"vício"* entre os escravizados, sobretudo dos mais velhos (Rezende, 1987, p. 212). Aliás, Ferreira de Rezende chamou atenção a uma outra modalidade do hábito de fumar difundida principalmente entre os africanos, maneira a qual valia-se de uma erva em particular desfrutada como um cigarro:

> O cachimbo que um pouco por exceção era encontrado aqui e acolá, era o verdadeiro vício dos escravos e sobretudo dos escravos velhos; havendo ainda alguns africanos que em vez do fumo, fumavam o pango, que é uma erva que existe em nossos matos e que parece eles fumavam sem ser em cachimbo. Pelo menos um que eu vi fumar, o enrolou em uma folha a que ele deu a forma de um funil; pos-lhe fogo; e segurando ou amparando com a mão aquele cachimbo de nova espécie, ele ia tirando baforadas muito maiores talvez do que aquelas que se tiram no pito (Rezende, 1987, p. 212).[2]

Scott Allen reforça que ao serem encontrados fragmentos de cachimbos nos mais diversos contextos, associa-se suas posses à influência africana e afro-brasileira, mas que, no entanto, não é possível descartar a hipótese do uso desses pitos por outros indivíduos inseridos em segmentos sociais alternativos, os quais também compunham esses sistemas sociais, como homens e mulheres livres e forros de poderes aquisitivo mais baixos, desclassificados, comerciantes, caixeiros, artesãos, quitandeiras etc. (Agostini, 2018, p. 12-13; Allen, 2016, p. 100; Hissa, 2020, p. 56).

Após localizarem alguns exemplares de cachimbos "barrocos" no sítio Aldeia em Santarém, Symanski e Gomes (2012) descreveram duas situações em que a camada senhorial foi mencionada supostamente usufruindo destas peças em barro, algo que realçou a ambiguidade e práticas de reapropriação por indivíduos de referenciais sociais e identitários distintos:

> Florence, ao visitar a região de Chapada dos Guimarães (MT), em 1827, descreveu uma senhora de engenho que passava os dias fumando um longo cachimbo, em tudo similar aos usados pelos escravos. Aluísio Azevedo (1857-1913), em seu livro O Mulato, faz diversas alusões ao uso de cachimbos de barro pela camada senhorial maranhense, sobretudo os senhores de engenho e fazendeiros, como era o caso de Sebastião Campos, que permanecia na sua rede "…durante horas esquecidas, em ceroulas fumando o seu cachimbo de cabeça preta, fabricado na província"; de dona Maria Bárbara, uma velha maranhense de ascendência portuguesa criada na fazenda, que fumava um "enorme cachimbo de taquari do Pará" (Azevedo, [19--], p. 62-63; Florence, 1977, p. 109-110 *apud* Symanski; Gomes, 2012, p. 81).

O arqueólogo Marcony Lopes Alves destaca também um trecho de um relato da década de 1810 que envolveu a utilização destes cachimbos, no qual além de homens e mulheres enrolarem cigarros de papel em folhas aromáticas, utilizaram-se de "cachimbos usados pelos pescadores, como em todo o Brasil, particularmente pelos negros e outras pessoas das classes mais humildes, constam de um pequeno recipiente de barro cozido escuro e de um tubo fino e liso" (Wied-Neuwie, 1942, p. 94 *apud* Alves, 2016, p. 1110).

[2] Segundo Soares e Honorato (2019, p. 58), o *"pango"* seria nada mais do que um termo empregado ao se referir à *Cannabis sativa* de origem asiática, cultivada e comercializada até meados da década de 1830 no Rio de Janeiro, popularmente conhecida como maconha.

Em vista disso, como evidencia Agostini (1997, p. 21), a ausência de ocorrências visuais e descrições mais amplas não implica obrigatoriamente restrições aos usos e às aquisições, logo que o caráter habitual da prática de fumar nestes suportes em argila poderia não ter despertado o interesse de viajantes e artistas naturalistas que observavam para enfim retratar e relatar.

A COLEÇÃO DE FRAGMENTOS DE CACHIMBOS DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

O acervo expositivo de Ouro Preto contém um bom sortimento de peças angulares curtas, prevalecendo a produção em pastas argilosas de tonalidades mais claras, moldadas e com porta-boquilhas para piteiras vegetais destacáveis. Segundo suas fichas técnicas, as dimensões (profundidades) variam entre 2,9 cm (6A) e 7,6 cm (3A), enquanto no quesito altura se diversificam entre 2,9 cm (6A) e 5,1 cm (4C). Duas das dezenoves peças que compõem a coleção museológica não foram privilegiadas neste artigo, por limitações como o desafio de se observar os atributos morfológicos por meio da cúpula dos expositores e dos acessos indiretos ao acervo, isto é, um contato com somente fotografias em baixas qualidades disponibilizadas atualmente no acervo digital.[3]

Ao que tudo indica, a exceção em relação à matéria-prima trata-se de um fornilho com figuração zoomorfa semelhante à cabeça de um touro ou boi, esculpido em chifre de tonalidade preta (3A). Já no quesito coloração, há somente um fragmento em argila avermelhada (3B). Este apresenta cordame contínuo em seu porta-boquilha, a data "1771" incisa em uma de suas laterais além de um "X" em alto-relevo próximo de seu cotovelo em ambas as faces laterais, derivado do próprio formato de seu molde.[4]

Figura 3. Fornilho esculpido em chifre e outro em argila avermelhada.



Fonte: Imagens do Acervo Digital do Museu da Inconfidência.

Vale a pena ressaltar que a presença de elementos como um "X" ou uma "cruz" em recipientes cerâmicos e em cachimbos já foi interpretada na Arqueologia enquanto cosmograma Bakongo, o *Dikenga*. Trata-se de quatro pontos cardeais introduzidos em um círculo composto de inúmeros significados ontológicos e de extrema importância à cosmologia de alguns povos centro-africanos. De acordo com alguns autores, no Congo, constitui e ilustra sua cosmogonia (a concepção da origem do universo e a criação de todos os seres vivos), a explicação dos fenômenos naturais e sobrenaturais, a jornada do sol entre o mundo dos vivos, a *Kalunga* (água) e o âmbito dos mortos, como a energia

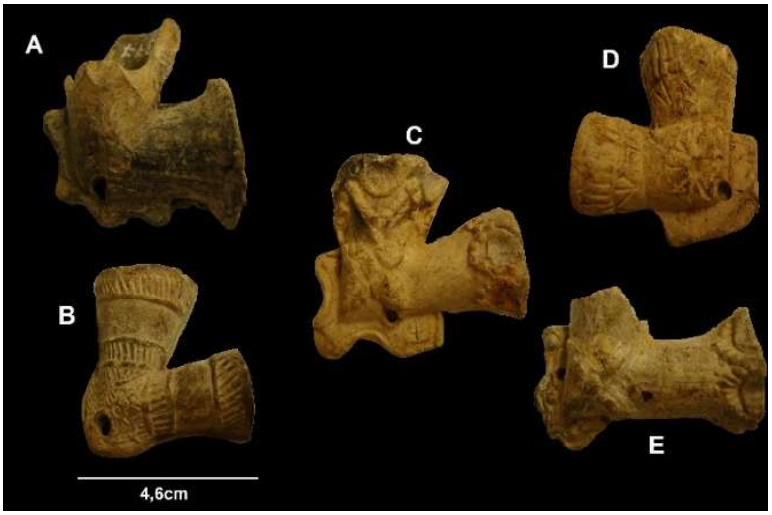
[3] Acervo Digital do Museu da Inconfidência de Ouro Preto/MG. https://museudainconfidencia.acervos.museus.gov.br/acervo/. Acesso em: 4 jul. 2023.

[4] Eldino da Fonseca Brancante entendeu as presenças de cordames idênticos a estes em cachimbos como "reminiscências manuelinas" (Brancante, 1981, p. 431).

universal e a infinidade da vida perante os ciclos (Agostini, 2018, p. 45-47; Martínez-Ruiz, 2013; Souza, 2000; Symanski, 2010, 2013). No entanto, não há como garantir que o elemento cruciforme presente no fragmento avermelhado participe deste mesmo contexto de origem africana.

Cinco das peças que contêm orifícios nas barbelas, em frações dos cotovelos, incisões circundando paralelamente a borda do fornilho e a porta-piteira (4B e 4D), apresentam elementos fitomorfos em alto-relevo nas superfícies laterais (florais, rosáceas e folhagens).

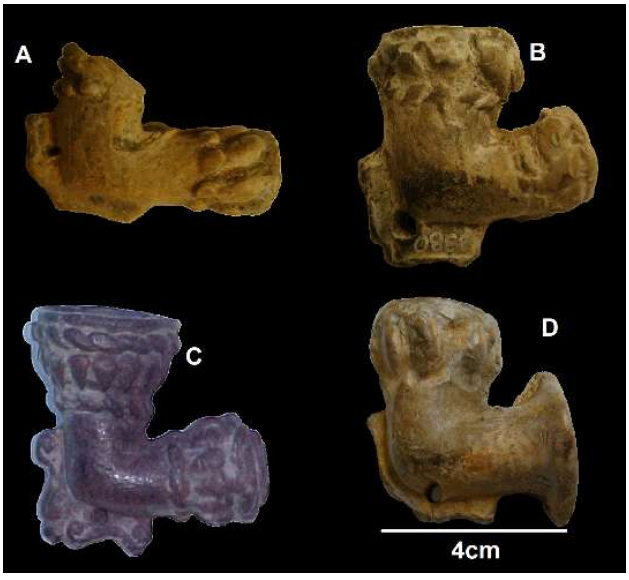
Figura 4. Fornilhos em argila com elementos fitomorfos.



Fonte: Imagens do Acervo Digital do Museu da Inconfidência.

No caso das peças que contém cordames ao redor das margens dos fornilhos e dos porta-boquilhas/porta-piteiras (4C e 4E), vale a pena mencionar que ao se deparar com elementos similares, Hissa chamou atenção às formas e disposições destas flores e pétalas, as quais apresentariam similaridades com alguns símbolos *Adinkra* (*Bese Saka*, *Nkuma Kese* e *Nserewa*), provenientes de povos como os Akan e Axante, situados na África Ocidental (Hissa, 2022, p. 66-67).

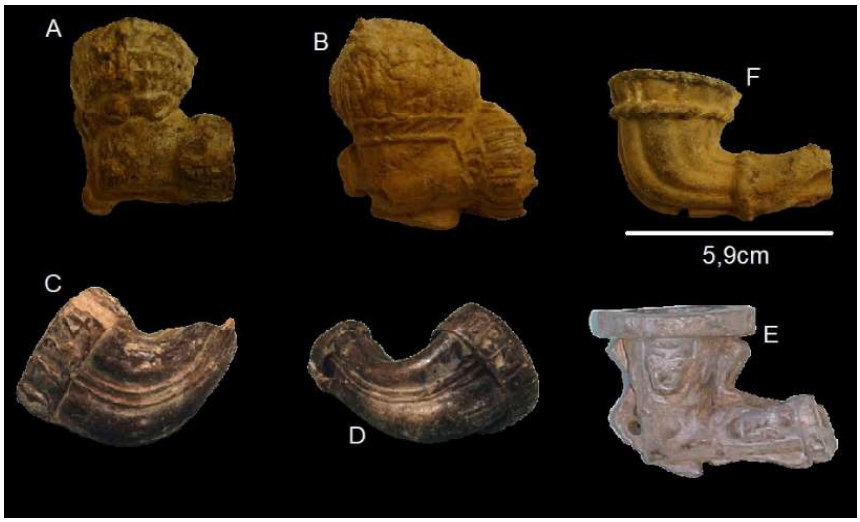
Figura 5. Fornilhos em argila com perolados ovalados e irregulares.



Fonte: Imagens do Acervo Digital do Museu da Inconfidência.

Os cinco fragmentos ilustrados na Figura 5 possuem elementos perolados ovalados maiores e diminutos em alto-relevo aparelhados ao redor das porta-boquilhas (5A, 5B e 5C) e das bordas dos fornilhos (5A, 5B, 5C e 5D), similares aos que Barata (1951), Brancante (1981), Agostini (2018) e Hissa (2022) associaram às rocalhas, às portadas e aos besantes arquitetônicos presentes nos retábulos. O item 5C trata-se de um entre os poucos fornilhos em argila escura e o único a conter a distribuição de volutas curvilíneas preenchendo ambas as laterais de sua barbela. Já no caso do fragmento 5D, não descarto a possibilidade da presença de sutis "amassados" produzidos por pressões de dedos sobre a argila ainda fresca.

Figura 6. Variedade de formas, pastas e figurações em/de fornilhos.



Fonte: Imagens do Acervo Digital do Museu da Inconfidência.

Os fornilhos mais arredondados 6A e 6B contém padrões lineares transversais ao redor das porta-boquilhas e mais próximo das margens dos fornilhos. Também a respeito dos espaços das margens, os objetos 6C e 6D produzidos em argilas negras apresentam as seguintes gravações em alto-relevo como prováveis siglas do fabricante e data de confecção: "A.B.J.P.M. 1734" e "A.B.J.P.M. 1737".[5] Já o exemplar 6F, em argila mais clara, em tom arenoso, provavelmente também manufaturado em formas duplas, expõe acanalados em torno do corpo e o que aparentam ser cordames ao redor da margem e da porta-boquilha.

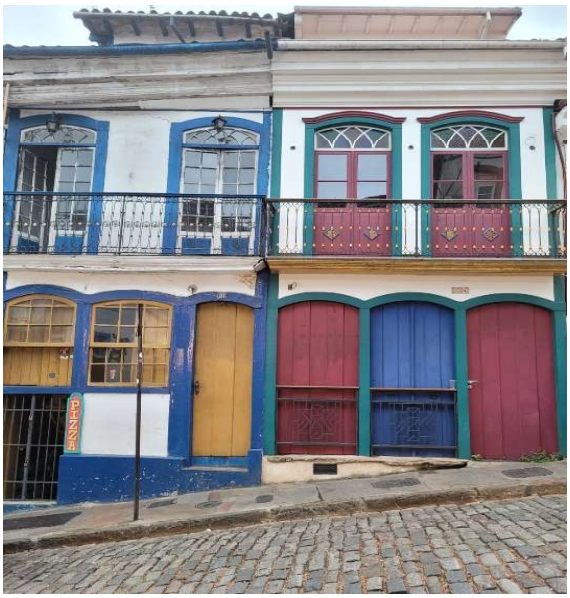
Assim como o item 6E, Hissa (2022) e Paiva, Fagundes e Borges (2015) fazem menção às presenças de figurações antropomorfas semelhantes em seus trabalhos. Enquanto Paiva, Fagundes e Borges não excluem a possibilidade de os ricos detalhes das peças como elementos masculinos e femininos remontarem às divisões sexistas envolvendo seus usos e usuários, Hissa aponta que essas duas "faces" distribuídas em ambos os lados poderiam aludir ao carnavalesco e ao teatral, sendo máscaras comuns no campo da comédia e da tragédia no movimento barroco (Hissa, 2022, p. 69-70; Paiva; Fagundes; Borges, 2015, p. 183-184).

[5] Em Brancante (1981, p. 429) o autor menciona um cachimbo similar de Diamantina/MG, com as mesmas "iniciais", mas com a data de 1733 em relevo. Já Hissa se deparou com uma peça de inscrições semelhantes, mas com a data "1774" incisa, compondo o acervo do Museu Regional de Caeté/MG, o que segundo a autora poderia sugerir um ofício familiar de escala de distribuição regional que perdurou por mais de quatro décadas (Hissa, 2022, p. 62).

O BARROCO AFLORADO DO QUINTAL

O sítio arqueológico o qual me encarregarei de contextualizar é uma unidade doméstica urbana, um sobrado localizado na antiga Rua Direita e atual Conde de Bobadela de Ouro Preto. Após uma reforma no imóvel, dezenas de veículos noticiaram há alguns anos um achado situado onde outrora fora um porão ou a "senzala" da residência: desenhos como baixos-relevos incisos e grafites desenhados aparentemente com carvão vegetal ou outros materiais de queima em uma parede de argamassa sobre os alicerces da casa (Figura 8). O sobrado de arquitetura setecentista possui quatro pavimentos, sendo eles o térreo, o piso nobre, uma camarinha (também chamada de mirante) e o subsolo, onde localiza-se o porão e o quintal (Figura 7). Como um imóvel geminado, a parede que apresenta as inscrições antropomorfas, zoomorfas, zooantropomorfas e figurações geométricas é justamente o elemento que une e segrega este e os cômodos acima das casas vizinhas.

Figura 7. Sobrados geminados da Rua Conde de Bobadela.



Fotografia: Autor, 2023.

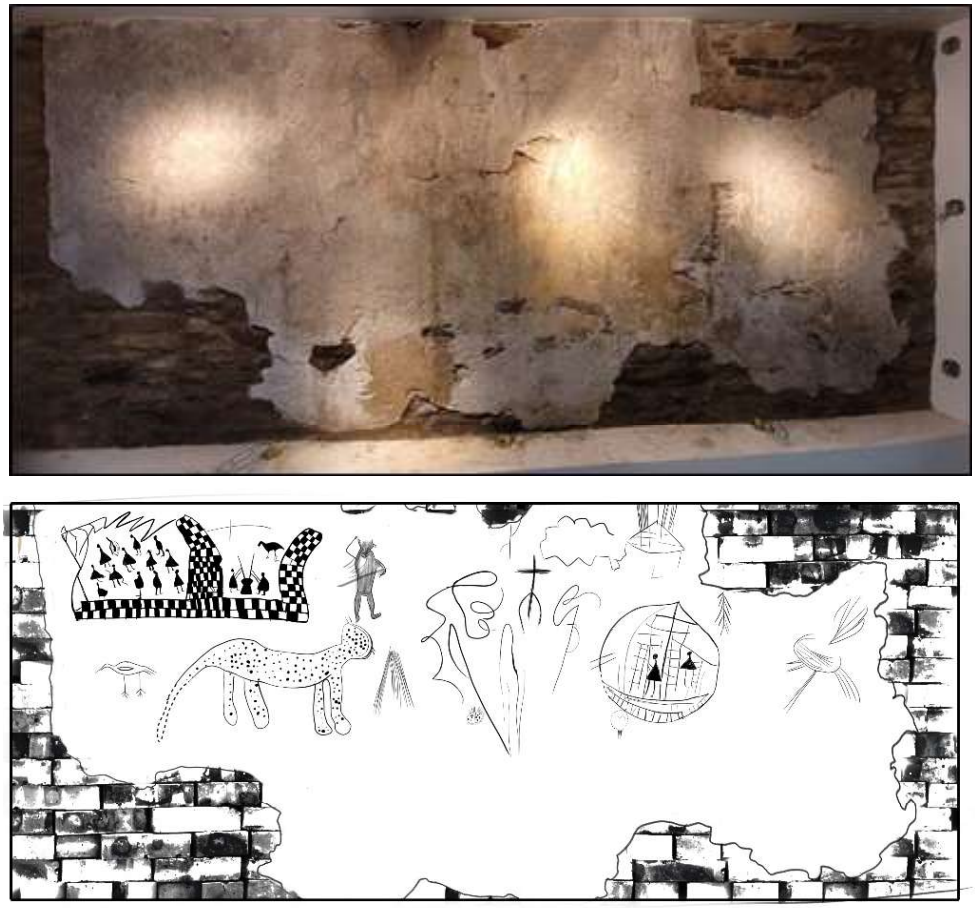
À direita: imóvel onde foi encontrado o fragmento de cachimbo e o painel com as figuras situadas no porão.

Em uma produção recente, me encarreguei de produzir a primeira versão da epigrafia do painel, elencar algumas das possíveis gerações que habitaram o sobrado, produzir um breve levantamento de escravizados e forros que compuseram alguns dos grupos domésticos da Rua Direita, além de basear-me na historiografia e na documentação para investigar quais as procedências de africanos que estavam transitando pelos becos e casas desta rua e de Vila Rica no setecentos e oitocentos (Klink, 2023a).[6] Uma tentativa de associar as possíveis origens dos agentes à posse do cachimbo encontrado e às inscrições

[6] Nesse trabalho atualmente em estágio de editoração, tratei de realizar este levantamento dos moradores da Rua Direita entre os séculos XVIII e meados do XIX a partir das listagens nominativas de Vila Rica, de recenseamentos, dos registros dos impostos das décimas prediais, e das listas de aforamentos da localidade. Correspondem a documentos que permitiram vislumbres acerca dos habitantes das vias por conter justamente os nomes dos proprietários, dos inquilinos, a composição dos grupos domésticos, suas "condições" étnicas e sociais ("*livres*", "*escravos*", "*forro*" etc.), faixas etárias e quantidade de cativos.

que podem ter sido algumas de suas lembranças no além-mar, logo que não há explicitamente qualquer menção visual aos contextos de violências e os desdobramentos que envolveram a Diáspora Atlântica.

Figura 8. Acima: fotografia do mural em argamassa assentado sobre os alicerces do sobrado da Rua Direita.



Fotografia: Autor, 2023.

Epigrafia adaptada de Klink (2023a).
Abaixo: primeira versão da epigrafia do painel, sem escala.

Logo, foi possível averiguar que 55% dos sujeitos forros que habitaram a Rua Direita em 1804 eram "*crioulos*", 25% não tinham demais informações, 10% eram "*pardos*", 5% eram "*cabras*" e 5% "*minas*" (Klink, 2023a). A respeito dos escravizados que foram abrigados em sobrados e casas térreas nesta mesma rua no ano de 1804, matriculou-se 27% procedentes dos portos angolanos, 25% de origem "*crioula*", 16% de "*pardos*", 15% sem informações adicionais, 6% de "*cabras*", 6% de nação "*mina*", 3% de nação "*banguella*", 1% de nações "*cambundá*"/"*maumbé*"/"*congo*" e 1% de "*mulatos*" (Klink, 2023a). Ou seja, neste momento a predominância de cativos na Rua Direita foi de nascidos na América portuguesa, seguidos de procedências Centro-Ocidentais e posteriormente de origem ocidental africana.

Como já explicitado, o cachimbo ao qual me atenho foi encontrado justamente no fundo da propriedade em um ambiente de reformas do sobrado em 2017, mas por funcionários da construção civil encarregados das intervenções e das adaptações aos novos usos que a casa receberia futuramente. O processo de revirar e peneirar a terra do quintal ao transformá-lo em um jardim fez com que um fragmento de fornilho aflorasse, sendo o único material desta unidade doméstica a ser encontrado de maneira fortuita durante intervenções ao extrato arqueológico até o momento (Figura 9).

Figura 9. À esquerda: planta de situação com destaque às dimensões e proporções do terreno do sobrado com área construída (preto) e ao quintal descoberto (branco).

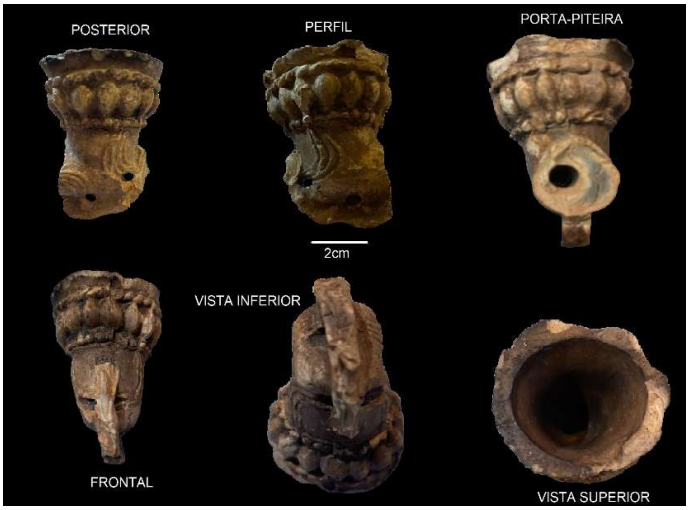


Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação de Ouro Preto.

Fotografia: Autor, 2023.
À direita: vista do quintal e dos fundos a partir do porão.

O fornilho trata-se de um vestígio de um fragmento de cachimbo produzido em argila moldada, modelo de produção a partir de uma forma de duas peças que favorecia às reproduções e dava espaço à participação de sujeitos não especializados (Agostini, 1997, p. 41; Alves, 2015, p. 1103). Nesta peça clara, porosa e de boa queima, dois pequenos orifícios similares aos localizados em quase todas as outras peças para facilitar suas portabilidades se distribuem pelo seu corpo para além da barbela (Figura 10). Três marcas curvadas incisas em ambos os lados em formatos "semilunares" nos perfis da peça podem acusar à possibilidade de sua elaboração ainda pelo molde, e não com a massa térrea fresca como em alguns dos exemplos de fragmentos ilustrados anteriormente.[7]

Figura 10. Fragmento de fornilho encontrado no quintal da unidade doméstica da Rua Direita, a partir de ângulos variados.



Fotografias: Autor, 2023.

[7] A peça que está atualmente sob a guarda de um dos proprietários do imóvel espera o andamento e a conclusão de mais pesquisas para ser direcionada aos devidos procedimentos museológicos.

Além do aspecto enegrecido propiciado pelo processo de queima do tabaco próximo às extremidades da margem do fornilho, uma faixa de padrão figurativo perolado ovalado aparelha-se ao centro de uma variação ordenada de cordames duplos, de formas ovais irregulares e de menores diâmetros. Segundo Souza e Lima, este motivo conhecido como "perolado" ou besante advém de uma origem europeia, se sobressaindo em objetos produzidos em metal, madeira, vidro e cerâmicas, sendo um padrão em alto-relevo ou em negativo comumente ressignificado por grupos de escravizados ao os incorporarem nos aportes dos cachimbos designados como "de barro" (Souza; Lima, 2022, p. 19).[8] Ademais, essa combinação de atributos e elementos presentes no fragmento de fornilho do quintal da Rua Direita podem estar vinculadas às expressões e estéticas barrocas mineiras.

As relações e inspirações da tendência barroca em pitos de argila de Minas Gerais e Santarém foram referenciadas primeiramente por Barata (1951) e Brancante (1981), onde seriam ressaltados por meio de perolados, estrias, volutas, figurações e estilizações fitomorfas (rosáceas, vegetais, acanto etc.) e antropomorfas (figurações angélicas, máscaras etc.). Por sinal, elementos padronizados encontrados como variações em grande parte da coleção de cachimbos derivados de escavações nos perímetros urbanos fluminenses por Souza e Lima (2022), por outros dispersos por acervos mineiros trabalhados por Hissa (2022) e ainda os demais acondicionados no Museu da Inconfidência, como em outras categorias de itens provenientes deste mesmo acervo (Figura 11).

Figura 11. Prancha com peças museológicas apresentando volutas, acanalados, perolados e elementos fitomorfos (séculos XVIII-XIX).



Fonte: Imagens do Acervo Digital do Museu da Inconfidência (Ouro Preto/MG).

A) Pia de água-benta; B) Capitel de coluna (retábulo); C) Castiçal; D) Fragmento de lustre; E) Garfo de sobremesa e F) Pequena Medalha devocional.

Em meados do século XVIII, as formas, os elementos, as cores e as atmosferas proporcionadas pelas mesclas dos fenômenos barroco e rococó mineiros foram vivenciados e experienciados para além da ambiência sacra dos diversos templos religiosos de Vila Rica, alcançando, afetando ou condicionando

[8] Um outro padrão perolado foi identificado por Paiva, Fagundes e Borges (2015), autores que não desconsideraram a possibilidade de que estas geometrizações poderiam ter se relacionado em dado momento com uma "representação" de um rosário circundando a face de Nossa Senhora. Já Agostini (2018, p. 24-26) argumenta que há três caminhos de pesquisa que devem ser considerados: uma conexão com as Irmandades católicas, a utilização como amuleto e objeto de poder e a ressignificação e o interesse à Nossa Senhora do Rosário.

comportamentos e valores de indivíduos de plurais maneiras em muitos outros espaços. Além das manifestações no mobiliário, na tapeçaria, na prataria, na ourivesaria, no estatuário, na música, na dramatização teatral, na literatura, nas pinturas, nas celebrações e na arquitetura, é de se indagar a presença de um movimento artístico e ideológico inspirado e inserido parcialmente em itens quase que descartáveis, destinados a uma camada tida como subalternizada. Por quê?

As gramáticas barrocas se caracterizaram em grande parte pela dramaticidade, pelas profundidades dos planos, pela preferência por curvas e por diagonais, pelas dependências das partes, pelas produções de efeitos e contrastes entre sombras e luz, pelo predomínio dos cheios em relação à aversão aos vazios (Campos, 2006, p. 8), entre outros elementos próprios destas manifestações presentes em alguns dos cachimbos hipoteticamente mineiros descritos por Brancante (1981), Paiva, Fagundes e Borges (2015), Alves (2016) e Hissa (2022).

No caso deste fornilho, não houve o desejo de preencher os espaços vazios, pelo contrário, com exceção da presença de poucos elementos atrelados por dezenas de autores como a influência dita "barroca" nos cachimbos, suas dispersões pelo corpo aparentam ser mais comparáveis e análogas a atributos presentes e associados majoritariamente à estética rococó (1760-1840) e aos retábulos joaninos (1730-1760), hipótese já cogitada mais recentemente por Hissa (2022, p. 77-78). Este movimento ficou conhecido por remeter ao predomínio de vazios sobre os cheios, a leveza, a serenidade, a delicadeza e a simplificação pautada nas relações com a distribuição de iluminação, apostando também nas inserções e no equilíbrio de óvalos, perolados, sanefas, dentículos e rosários (Campos, 2006, p. 17; Oliveira, 2003, p. 13, 34).[9]

Longe de ter se disperso unicamente pelos templos religiosos destinados aos brancos e às elites locais e regionais, o repertório material do movimento barroco-rococó também marcou a presença aos olhares de outros referenciais em capelas e igrejas destinadas aos pardos e negros, como as igrejas de São José, de Nossa Senhora do Rosário e a de Santa Efigênia em Ouro Preto.

Muito além de uma redução das figurações a "padrões decorativos", penso que ainda não há como excluir que os elementos característicos destas manifestações presentes nestas classes de cachimbos podem ter indicado — na visão dos fabricantes —, o desejo de produzir e vender não somente itens que comunicassem "diferenciações", mas que proporcionassem uma espécie de desejo à apropriação do que era visto ornado, exposto e propagado como poder, suntuosidade e veículos aos referenciais litúrgicos na paisagem mineira. Fator que pode ter possibilitado aos consumidores brancos, negros e pardos, a inserção no movimento barroco-rococó, a apropriação, a assimilação ou até mesmo a ressignificação de valores sociais e culturais de origem ibérica moldados e adaptados "à mineira", que cada vez mais ditavam normas de ser, de se relacionar, de sentir o mundo e de se diferenciar de outras camadas (Silva, 2003, p. 30, 32).

Se ao menos na arquitetura o rococó europeu vinculou-se a um contexto social de renúncia à ostentação sem abdicar do luxo e do bem-estar doméstico proporcionado por ele, privilegiando a vida privada intradomiciliar em relação à vida pública (Oliveira, 2003, p. 36), não seriam esses bons pretextos para o aporte desses elementos moldados serem mais frágeis e mais ordinários? Portanto, ainda sobre essa linha de raciocínio, a "introspecção" seria um entre os fatores que poderia explicar a rara alusão iconográfica pública de sujeitos brancos manuseando e usufruindo do tabaco nestas categorias de cachimbos de barro.

Mas onde, nas redondezas da Rua Direita, poderiam ter sido adquiridos?

[9] Como o "barroco", a origem francesa do termo rococó (*rocaille*) baseia-se na raiz semântica derivada de "roc": concha irregular, perfurada e espraiada, se relacionando também com composições à base desses materiais (Campos, 2006, p. 16; Oliveira, 2003, p. 23).

VENDAS E PEQUENOS COMÉRCIOS NA VIZINHANÇA DA RUA DIREITA

Em vendas e casas de comércios instaladas nos pavimentos térreos dos sobrados, as portas abriam-se às ruas e à circulação dos mais variados grupos de sujeitos. Estes adquiriam mercadorias, quitavam suas dívidas, transmitiam ideias, entre outras sociabilidades mediadas pelas baforadas nos cachimbos, visto que devido a seus pequenos portes e à existência de orifícios cruzando seus pequenos corpos, poderiam acompanhar seus usuários quase como "extensões de seus corpos" (Souza; Lima, 2022, p. 14). Mas enquanto essas peças poderiam ter circulado junto de seus usuários pelas ruas mineiras, o repúdio aos odores das fumaças derivadas das "cachimbadas" foi demarcado pelas ambientações de algumas esferas de trânsito, como se vê na nota de um jornal de São João del-Rei intitulada de "Falta de Disciplina", redigida sob o anonimato de "*Uma beata de capote*":

> Os soldados da polícia, nesta cidade, estão de tal modo, que já não procedem mal unicamente nas ruas; até na Egreja se nota como vau bem disciplinado e moralisado o destacamento. Na novena de S. Sebastião no dia 14 na Matriz, uma praça dentro da Egreja *puchou pelo cachimbo, tirou os phosporos e já se dispunha a acender lançando baforadas de fumo para misturar ao incenso*, quando foi obstado pelo cidadão Joaquim da Rocha Mello, que impediu e censurou tão insólito proceder (O Arauto de Minas, 1884, p. 3, grifo nosso).

Na busca por jornais e periódicos que contassem com anúncios de lojas que tivessem comercializado os mais variados produtos locais e estrangeiros em Ouro Preto, onde estes pitos em barro poderiam ter sido adquiridos, me deparei com alguns dos proprietários de lojas e comerciantes na vizinhança da rua que "*Principia do canto do Largo do chafaris Subindo pela Rua Direita te a Praça*" descritos na listagem nominativa confeccionada em 1804, consultada a partir de Mathias (1969).

Quadro 1. Comerciantes e negociantes matriculados na Rua Direita de Vila Rica e suas proximidades (1804).

Chefia do fogo (domicílio)	Descrição de ofício
Tenente Fernando Luiz Machado	Negócio de fazenda seca
Alferes Manoel Dias do Couto	Negócio de molhados
Nicolau Soares do Couto	Negócio de fazenda seca
Luiz da Silva (pardo)	Com venda
Quartel Mestre Antonio Joze Ribeiro	*"loge"* de molhado
Manoel Carlos	Vive de sua venda
Ignacio Francisco da Silva	Vive de sua venda
Joaquina Perr[a]. da Mota	Vive de sua venda
Antonio Ribeiro Pardo	*"Com sua venda na prasa"*
João Joze da Costa	Vive de sua venda

Fonte: Mathias (1969, p. 105-112).

Sabe-se que costumeiramente os pavimentos térreos poderiam receber usos comerciais como lojas, pequenas vendas e escritórios. No caso dos comerciantes mencionados no Quadro 1, ainda não é possível garantir que seus empreendimentos tenham sido de fato na rua que foram matriculados, com exceção de um: o negócio do Capitão Nicolau Soares do Couto (O Universal, 1832, p. 4), separado por duas casas abaixo do sobrado onde foi encontrado o fornilho, antigamente enumerado como casa nº 20.[10]

Um empreendimento com um bom teor descritivo de suas mercadorias foi localizado somente como um anúncio na década de 1870. Trata-se de um armazém de molhados e padaria de Manoel Rodrigues Fernandes, instalada na Rua de S. José número 29. Entre os sortimentos de padaria (biscoitos, café, roscas etc.), molhados (vinhos, azeites, cervejas, licores etc.), louças (lampiões, aparelhos de jantar e café etc.), ferragens (pregos, fechaduras, bandejas etc.) e calçados, lá estava entre a categoria de artigos "*diversos*" a menção aos cacarecos e miudezas que compunham e proporcionavam o hábito de fumar:

> Folha de flandres, chá, rapé, perfumarias, armarinho, *phosphoro*, cebolas, amendoas, nozes, cêra em vellas, vellas de composição, peixe salgado, dito em salmoura, latas de doces de diversas qualidades, línguas e carne secca do Rio Grande, conservas, *fumo em latas, dito em pacotes para cachimbo*, farinhas de trigo e de maizena, *charutos*, salames, presuntos (Diário de Minas, 1873, p. 4, grifo nosso).

Hissa detectou um anúncio de uma venda em São Paulo que comercializava cachimbos de barro no início da década de 1860. Enquanto as peças em barro pintadas a mãos com (347 réis) ou sem piteira (125 réis) apresentavam valores unitários mais baixos em comparação aos tipos manufaturados em raiz (500 réis) e louça (750 réis), coube à autora destacar que as primeiras categorias em argila foram as únicas vendidas em "*grosa*", ou seja, em maiores quantidades em relação à dúzia (Hissa, 2020, p. 120-121).[11] Teria essa categoria de venda filiação às maiores propriedades de quebra da argila queimada a baixas temperaturas?

Análises seriais às documentações cartoriais post-mortem ou a processos criminais, como sugere Agostini (2009, p. 43), poderão indicar melhor como e nas mãos de quem esses materiais circulavam. No entanto, como outros objetos de avaliações mais singelas e, devido às facilidades de quebra, os cachimbos de barro deverão estar ausentes de menções nas listagens e nas partilhas de bens.

CACHIMBADAS NO QUINTAL E ALÉM

Ao que foi passível de notar com base na documentação levantada, a unidade doméstica da Rua Direita a que me refiro esteve envolvida em uma extensa rede de inquilinos entre os séculos XVIII e XIX, sendo possível relacionar sua posse a, ao menos, dois sujeitos até o momento.[12] Por volta da década de 1760-1770 o imóvel foi edificado ou adquirido pelo Ajudante Caetano Francisco da Costa, permanecendo consigo até seu falecimento na década de 1780, com a produção do inventário post-mortem em 1788.[13] Neste momento, nove escravizados foram matriculados na listagem de bens do inventariado, entre suas

---

[10] "*Desapareceo da Loja de Nicolão Soares do Couto* uma Caixa de oiro, para rapé, lavrada a buril, e traz na tampa o nome do fabricante — Lopes — pela parte interior: se a alguem for offerecida, inteira, amassada, ou fundida, por pessoa suspeita, roga-se haja de acautelar, e *avisar ao annunciante na Rua Direita n. 23* aonde receberá boas alviçaras. A dita Caixa tem de pezo 23 oitavas e quarto pouco mais ou menos" (O Universal, 1830, p. 8, grifo nosso).

[11] A respeito das posses post-mortem, em dois editais de leilões de praças em Juiz de Fora/MG nas décadas de 1870 e 1880 matriculou-se "*1 cachimbo*" sem avaliação entre os bens de Joaquim da Costa ("*africano livre*") (Pharol, 1882, p. 2) e, outro confeccionado em materiais mais nobres e de avaliação mais alta em meio aos bens do falecido Comendador José Anastacio da Costa Lima, como "*1 cachimbo de prata, em 1$600*" (Pharol, 1877, p. 1).

[12] Parte do livro 1º de cobrança de foros de toda a freguesia de Vila Rica constando nome das ruas, moradores e respectivos valores. CMOP, cx.: 86, doc.: 40, acervo: Câmara Municipal de Ouro Preto. Arquivo Público Mineiro.

[13] Inventário post-mortem de Caetano Francisco da Costa. Cx.: 29, doc.: 328, ano: 1788. Acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência.

diversidades de designações pejorativas que nada ou pouco poderiam refletir ou indicar suas origens, incluíam as "*qualidades*": um "*crioulo*", duas pessoas como "*nação angolla*", duas de "*nação mina*", uma "*parda*", duas "*mulatas*", sendo uma delas filha de "*Anna Parda*", e um homem africano matriculado como de "*nação banguella*", uma clara alusão ao porto de Benguela na África Centro-Ocidental (Klink, 2023a).

Anos mais tarde, mais precisamente em 1793, Francisca Custódia do Pillar surgiu como autora de uma notificação informando que arrematou a dita morada da viúva de Caetano, D. Micaella, ou de seu filho Padre José Caetano da Costa.[14] O imóvel permaneceu como o único bem de raiz de Francisca até o ano de 1844, quando foi inventariada.[15] Momento o qual contou com um *monte-mor* bastante singelo e somente um cativo "*crioulo*" de nome Bernardo arrolado entre seus bens (Klink, 2023a). Ainda assim, Francisca foi localizada por Renato Franco sob a condição de mulher "*livre*" enquanto madrinha de quatro sujeitos expostos e treze "*inocentes livres*" da população local (Franco, 2014, p. 96), algo que aliado ao pronome de "*Dona*" incorporado ao seu nome recorrente na documentação, pode indicar sua respeitabilidade em meio à sociedade mineira e a presença em meio às estratégicas redes de sociabilidades tecidas ao longo de sua vida.

Relatos orais enfatizam e associam até os dias atuais a utilização dos porões urbanos enquanto senzalas, fato que pode coincidir com alguns casos isolados, mas não deve ser tomado como regra. Contudo, os corredores, as lojas dos pavimentos térreos, os pequenos compartimentos contíguos às áreas de serviços e mesmo estruturas não-caiadas assentadas sobre os quintais, poderiam ter sido utilizados para alojamento de cativos em meio às vilas e cidades.[16] Portanto, mesmo que o porão onde se encontra o painel não tenha sido usufruído como alojamento aos escravizados, mas despensa ou depósito de entulhos e mercadorias, como espaço recluso, pode ter proporcionado melhores momentos para práticas ocultas, sociabilidades e expressões de matrizes próprias, além de relacionar-se com o quintal em termos de circulação, a qual teria sido feita majoritariamente por pessoas de baixos segmentos sociais e/ou sujeitos escravizados.

Figura 12. Vistas parciais do interior e do exterior do porão em período anterior à reforma de 2017.



Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação de Ouro Preto.

[14] Notificação Francisca Custódia do Pillar (autor). Cx.: 422, doc.: 8487, ano: 1793. Acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência.

[15] Inventário post-mortem de Francisca Custódia do Pillar. Cx.: 48, doc.: 585, ano: 1844. Acervo do Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência.

[16] Sobre os autores que discutem os usos da compartimentação colonial, ver: Klink (2023b, p. 121-128).

A respeito dos quintais, viajantes europeus relataram suas impressões a estes espaços durante suas passagens por Vila Rica na primeira metade do século XIX. Ao final da década de 1810 o botânico Saint-Hilaire mencionou que os longos e estreitos jardins aos fundos das casas delimitadas por pequenas muralhas eram pouco cuidados, local onde os moradores cultivavam bananeiras, cafeeiros, laranjeiras, couve, cravo e rosas *"quase sempre sem ordem"* (Saint-Hilaire, 1938, p. 131, 140).

A presença de um item como um cachimbo em um espaço urbano posterior destes não causa estranhamento, muito pelo contrário. Se são múltiplas as atividades realizadas nos quintais, passíveis a momentos de domesticidades, de reclusões e interações íntimas intrafamiliares, de produção, de criação de aves e suínos, de cultivos e abastecimento como de usos e práticas que remeteriam ao Oeste africano (Ferguson, 1992, p. 128; Klink, 2023b, p. 149; Meneses, 2015), dificilmente haveria um espaço que melhor oportunizasse às baforadas como o quintal murado, que nesta propriedade, era acessado muito provavelmente somente pelo porão (subsolo) e por uma escada que o conectava à cozinha (pavimento térreo) (Vasconcellos, 1977, p. 140).

Figura 13. Vista parcial da área descoberta ao fundo do sobrado, das estruturas metálicas adaptadas, da parede ornada pelo artista Jorge dos Anjos e dos resquícios de um muro em alvenaria de pedras emparelhadas após as intervenções da reforma.



Fotografias: Autor e Caroline Ferreira, 2023.

Assim como os pátios das propriedades, as adjacências dos terrenos recebiam constantemente buracos como lixeiras ao aterro de dejetos: restos de alimentos consumidos na casa, peças do mobiliário, fragmentos de aparelhos de jantar/chá/café, de brinquedos, de recipientes (cerâmica, vidro, louça etc.), entre outros possíveis itens que perderam suas funcionalidades. Enquanto o descarte do fragmento de fornilho como refugo primário remeteria à deposição ainda em seu local de uso, como no caso do porão ou do próprio quintal próximo a ele, consecutivamente, a possibilidade de um descarte secundário não pode ser desprezada. Ou seja, um comportamento vinculado ao transporte do cachimbo quebrado a um local que não diz necessariamente respeito ao seu uso (Symanski, 1998, p. 126), algo que faz mais sentido devido à ampliação de espaços de ação domésticos e públicos nos usos pessoais dos cachimbos, como alega Agostini (2018, p. 21).

Mesmo que uma estimativa do período de produção, de abandono ou do descarte da peça não tenham sido possíveis balizar, dado que uma revisão sistemática acerca das tipologias dos cachimbos de argila no Brasil ainda inexiste, e as preservações das estratigrafias perderam-se, a continuidade no processo de localização de antigos proprietários, de inquilinos e de cativos de procedência

ocidental, centro-ocidental africana e brasileira (como o caso de "*crioulos*" e "*mulatos*") matriculados na documentação consultada abrem caminho ao interesse de como os sujeitos circulantes dos grupos domésticos que habitaram a casa da Rua Direita entendiam e significavam seus espaços e os objetos presentes neles. Afinal, o uso do fragmento de cachimbo deve obrigatoriamente ser pensado considerando as presenças, os usos e as intenções que pairavam sobre o porão, o painel e suas dezenas de figuras. Dimensões que deverão proporcionar novos frutos com as intervenções arqueológicas ao terreno, com uma possível datação por termoluminescência e a ampliação e aprofundamento do escopo de análise documental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A premissa aqui foi a de articular uma breve discussão sobre os cachimbos de argila pautada nas relações morfológicas barrocas, contidas entre as peças da coleção museológica do Museu da Inconfidência e em um fragmento de fornilho proveniente do sítio que me ocupo em estudar enquanto projeto de pesquisa do doutorado. O uso dessas categorias de cachimbos cerâmicos não era exclusividade de pessoas escravizadas. Não há como excluir sua circulação em mãos de sujeitos livres brancos, "*pardos*", "*crioulos*" e de poderes aquisitivos mais baixos. Desta maneira, o fragmento de fornilho aqui abordado pode ter composto qualquer uma das gerações de ocupantes da casa, portanto, sua história cruza diretamente com qualquer uma das narrativas que podem ser feitas acerca dos períodos de produção das gravuras e do mural. Vestígios que não devem ser abordados isoladamente.

Ainda há muito o que se explorar sobre as origens, os intercâmbios comerciais à níveis nacionais e transatlânticos, e as posses dos cachimbos de argila em Minas Gerais, temáticas que como a expansão do gosto pelo tabaco, não foram alvos de meu interesse neste momento, ora por ainda não estar apto a discutir com propriedade, ora pela delimitação da estrutura deste artigo não comportar tais ponderações.

Como Hissa salientou, as técnicas e a localização dos ambientes de fabricação, as escolhas das argilas e a dispersão de estilos decorativos a níveis nacionais e internacionais, como as significações atribuídas a estes itens, ainda são desconhecidos e poderão ser tópicos mais aprofundados em outras pesquisas futuramente (Hissa, 2020, p. 160-164).[17]

Cabe aqui portanto refletir sobre uma última questão, levantada primeiramente por Hissa (2022): julgando que em Minas, cativos, libertos e seus descendentes desempenharam importantes papéis de especialização em ofícios metalúrgicos, na mineração, na carpintaria, em obras domésticas e nas quais refletiam padrões arquitetônicos barrocos e rococós, estariam os escravizados africanos, afrodescendentes e mesmo forros envolvidos com as elaborações das figurações "barrocas" para além não das confecções de peças unitárias, mas a níveis mais profundos, como na manufatura dos moldes usados na confecção desses itens?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Camilla. "Cachimbos de escravos?": miudezas do cotidiano entre malungos, irmãos e alteridades. *In*: CHEVITARESE, André Leonardo; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Dos artefatos e das margens*: ensaios da história social e cultura material no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2018. p. 11-36.

AGOSTINI, Camilla. *Cachimbos de escravos e a reconstrução de identidades africanas no Rio de Janeiro, século XIX*. 1997. Monografia (Graduação em Arqueologia) – Faculdade de Arqueologia da Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 1997.

[17] Em um jornal tipografado em Barbacena/MG, mencionou-se três tipos e qualidades do barro — enquanto sinônimo de argila — e, sua relação com os pitos: "argilla graxa, a ferruginosa; a *magnesiana (barro para cachimbo)*; a compacta; a lithomarga etc. A argilla pura é a branca mas temol-a também verde, azul, vermelha, roxa, amarela etc." (Correio de Barbacena, 1886, p. 2, grifo nosso).

AGOSTINI, Camilla. Cultura material e a experiência africana no sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. *Topoi*, v. 10, n. 18, p. 39-47, 2009.

AGOSTINI, Camilla. *Mundo atlântico e clandestinidade*: dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no Sudeste, século XIX. 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2011.

AGOSTINI, Camilla. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. *Revista de História Regional*, v. 3, n. 2, p. 115-137, 1998.

ALLEN, Scott Joseph. Afrofatos. *Vestígios*, v. 10, n. 1, p. 93-105, 2016.

ALMEIDA, Fabio Guaraldo. Cachimbos de barro na comunidade quilombola de Galeão: achados arqueológicos para pensar a Diáspora Africana. *Vestígios*, v. 16, n. 2, p. 30-53, 2022.

ALVES, Marcony Lopes. Notas sobre cachimbos de barro no Brasil (séc. XVIII e XIX). *Temporalidades*, v. 7, p. 1101-1111, 2016.

BARATA, Frederico. A arte oleira dos Tapajó. *Revista do Museu Paulista*, Nova Série, v. 5, p. 183-214, 1951.

BRANCANTE, Eldino da Fonseca. *O Brasil e a cerâmica antiga*. São Paulo: [*s. n.*], 1981.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. *Introdução ao barroco mineiro*: cultura barroca e manifestação do rococó em Minas Gerais. Belo Horizonte: Crisálida, 2006.

CORREIO DE BARBACENA. Barbacena, MG, n. 4, 1886. Acervo Biblioteca Nacional.

DIÁRIO DE MINAS. Ouro Preto, MG, n. 151, 1873. Acervo Biblioteca Nacional.

FERGUSON, L. G. *Uncommon Ground*: Archaeology and Early African America, 1650-1800. Washington, DC (US): Smithsonian Institution, 1992.

FRANCO, Renato. *A piedade dos outros*: abandono de recém-nascidos em uma vila colonial, século XVIII. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

HISSA, Sarah de Barros Viana. A estetização do cotidiano e o teatro onipresente: revisitando os cachimbos barrocos. *Vestígios*, v. 16, n. 2, p. 56-86, 2022.

HISSA, Sarah de Barros Viana. *Fumo e arqueologia histórica*: o tabaco e os cachimbos importados no Brasil, séculos XVII ao XX. Curitiba: Appris, 2020.

KLINK, Leonardo Lopes Villaça. Mãos e traços na parede: os baixos-relevos em um contexto de escravidão como subsídios ao estudo da trajetória, da presença e da lembrança africana, Ouro Preto/MG (séculos XVIII-XIX). *Saeculum*, 2023a. No prelo.

KLINK, Leonardo Lopes Villaça. *O que a arquitetura mascara?*: uma arqueologia da compartimentação, da vigilância e dos aspectos de concessão e restrição à circulação no Solar dos Ferreiras, Campanha/MG (século XIX). 2023. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023b.

LIMA, Tania Andrade; BRUNO, Mariana Cristina O.; FONSECA, Marta P. R. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, séc. XIX: Fazenda São Fernando, Vassouras/RJ. *Anais do Museu Paulista*, v. 1, n. 1, p. 179-206, 1993.

MARTÍNEZ-RUIZ, Bárbaro. *Kongo Graphic Writing and Other Narratives of the sign*. Philadelphia (US): Temple University Press, 2013.

MATHIAS, Herculano Gomes. *Um recenseamento na capitania de Minas Gerais*: Vila Rica, 1804. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1969.

MENESES, José Newton Coelho. Pátio cercado por árvores de espinho e outras frutas, sem ordem e sem simetria: o quintal em vilas e arraiais de Minas Gerais (séculos XVIII e XIX). *Anais do Museu Paulista*, v. 23, n. 2, p. 69-92, 2015.

O ARAUTO DE MINAS. São João del-Rei, MG, n. 39, 1884. Acervo Biblioteca Nacional.

O LIBERAL DE MINAS. Minas Gerais, n. 49, 1868. Acervo Biblioteca Nacional.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

ORGÃO DO PARTIDO CONSERVADOR. Ouro Preto, MG, n. 193, 1884. Acervo Biblioteca Nacional.

O UNIVERSAL. Ouro Preto, MG, n. 506, 1830. Acervo Biblioteca Nacional.

O UNIVERSAL. Ouro Preto, MG, n. 828, 1832. Acervo Biblioteca Nacional.

PAIVA, Zafenathy Carvalho de; FAGUNDES, Marcelo; BORGES, Joina Freitas. "Uma baforada sim sinhô": cachimbos de escravos para se entender as dinâmicas socioculturais da Diamantina oitocentista. *Revista Tarairiú*, v. 1, n. 9, p. 165-186, 2015.

PHAROL. Juiz de Fora, MG, n. 49, 1877. Acervo Biblioteca Nacional.

PHAROL. Juiz de Fora, MG, n. 69, 1882. Acervo Biblioteca Nacional.

REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1987.

SAINT-HILAIRE, Augusto. *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Geraes*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. t. 1.

SILVA, Kalina Vanderlei Paiva da. "*Nas solidões vastas e assustadoras*": os pobres do açúcar e a conquista do sertão do Pernambuco nos séculos XVII e XVIII. 2023. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2003.

SOARES, Mariza de Carvalho; HONORATO, Claudio de Paula. Cachimbo de Barro. *In*: KNAUSS, Paulo; LENZI, Isabel; MALTA, Marize (org.). *História do Rio de Janeiro em 45 objetos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019. p. 54-60.

SOUZA, Marcos André Torres de; AGOSTINI, Camilla. Body Marks, Pots and Pipes: Some Correlations between African Scarifications and Pottery Decoration in Eighteenth and Nineteenth-Century Brazil. *Historical Archaeology*, v. 46, n. 3, p. 102-123, 2012.

SOUZA, Marcos André Torres de; LIMA, Tania Andrade. Olhando, desejando e incorporando: cachimbos de barro na construção de comunidades diaspóricas. *Vestígios*, v. 16, n. 2, p. 8-27, 2022.

SOUZA, Marcos Andrés Torres de. *Ouro Fino*: arqueologia histórica de um arraial de mineração do século XVIII em Goiás. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2000.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. Cerâmicas, identidades escravas e crioulização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). *História Unisinos*, v. 14, n. 3, p. 294-310, 2010.

SYMANSKI, Luís Cláudio P. *Espaço privado e vida material em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: ediPUCRS, 1998.

SYMANSKI, Luís Cláudio P.; GOMES, Denise Maria Cavalcante. Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no sítio Aldeia em Santarém (PA). *Anais do Museu Paulista*, v. 20, n. 2, p. 53-90, 2012.

VASCONCELLOS, Sylvio de. *Vila Rica*: formação e desenvolvimento: residências. São Paulo: Perspectiva, 1977.

WERNECK, Gustavo. Obra revela "cenas africanas" em porão de Ouro Preto; escravo pode ser o autor. *Estado de Minas Gerais*, 29 set. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/09/29/interna_gerais,1088821/obra-revela-cenas-africanas-em-porao-de-ouro-preto-escravo-pode-s.shtml. Acesso em: 6 jun. 2023.